

## “O pronto a portá-lo” em falha<sup>1</sup>

Colette Soler

Fiquei surpresa pela expressão “fantasia *prêt-à-porter*” do seu título. As razões dessa surpresa, uma vez feita a reflexão, são duplas. Primeiramente, apesar das aparências, eu não pensava que havia uma fantasia *prêt-à-porter*. O que pode dar a aparência disso é a instrumentalização comercial de certas montagens fantasísticas que sobrevivem, mas nós constatamos que elas não são mais do que roupagens da fantasia fundamental do sujeito que nós analisamos. Em segundo lugar, esse aparente *prêt-à-porter* valeria para os homens mais do que para as mulheres. O que eu retenho do *Seminário 14, A lógica da fantasia*<sup>2</sup>, ao qual me reportei, são duas expressões a respeito do objeto *a*, que se respondem mutuamente: o “pronto a produzi-lo” e o “pronto a portá-lo”, o objeto *a*. Com esse pequeno pronome “lo” [*le*]<sup>3</sup>, nenhuma conotação de standardização, mas a indicação de uma dupla condição da fantasia: de um lado, a produção do objeto *a* e, do outro, um lugar para alojá-lo. Podemos colocar a questão de saber se a incidência do sexo se inscreve aí, que diferenciaria nesse aspecto as mulheres ou não. Não posso dizer senão como eu entendo.

O pronto a produzir o objeto, que na sua definição final de 1976 no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, é “aquilo que falta”<sup>4</sup>, o efeito de linguagem maior, como Lacan já havia dito, que opera na primeira relação ao Outro, pelo próprio uso que ele faz de *alíngua*. Esse efeito gerador do sujeito dividido opera no real, sobre o vivente, pela subtração – guardemos o termo freudiano: a perda, a perda de vida que o *Seminário 10, A Angústia*<sup>5</sup> confirma, formalizando-a. Eu digo confirma, porque, já no tempo em que Lacan pensava a falta a partir do único significante fálico, a libra de carne subtraída, ou o buraco da coisa, *Das Ding*, estava lá, anterior ao objeto *a*, para dizer dessa perda de vida, essa falta escavada no real, que mitificam de resto, antes da psicanálise, todos os

---

<sup>1</sup> “*Le prêt à le porter*” en défaut. Conferência de Colette Soler proferida na Jornada de Estudos da Association Lacanienne Internationale : *Un fantasme prêt-à-porter? Questions sur le fantasme féminin* (07/3/2021)

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre 14: la logique du fantasme* [1966-1967]. Disponível em: [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr).

<sup>3</sup> Em francês, a expressão *prêt-à-porter* (pronto para portar ou usar) designa as roupas compradas prontas (que não são feitas sob medida). A autora discorda da noção de “fantasia *prêt-à-porter*” e a substitui por “*prêt à le porter*”, acrescentando o “*le*”, o que muda o sentido para “pronto a portá-lo”. (N. do T.)

<sup>4</sup> LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 [1976]. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 562-569. p. 569.

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

mitos de todas as civilizações, sem exceção e não somente as monoteístas, o que impõe falar da produção conjunta de  $\$$  e  $a$ .

Eu evoquei o uso da linguagem, que supõe, evidentemente, pessoas. E, especificamente – aí eu condenso – sob a forma disso que Lacan nomeou “pai<sup>6</sup> traumático” para designar a função pai<sup>7</sup> enquanto tal, função pela qual a linguagem chega à criança, que é feita sujeito dividido, em falta-a-ser – não há *Dasein* para este, diz Lacan – distinto, portanto, do sujeito psicológico. Essas formulações abstratas se referem às manifestações clínicas mais concretas, aquelas do sujeito libidinal, ao mesmo tempo desconhecido de si mesmo e pedinte de um complemento que ele espera do Outro. Não é essa operação que se produz nisso que Freud descreve no capítulo 3 de *Além do Princípio do Prazer*, um capítulo que vibra um patetismo raro sob a pena de Freud para descrever o traumatismo genérico da criança, a tripla perda programada do amor, da consideração narcísica e da potência.

Lacan assume essa descrição do trauma de ser feito sujeito dividido, ou seja, representado pelo significante, qualquer que ele seja. Ele o faz com uma pena não menos patética que Freud, se nos referirmos ao fim do primeiro capítulo do *Seminário 16, De um Outro ao outro*. É o que ele nomeia de grito da verdade do sujeito que uiva, eu cito: “o não-gozo, a miséria, o desamparo e a solidão”<sup>8</sup> como efeitos da cisalha significante que *alíngua* torna possível. A respeito disso, nenhuma verdade articulada em palavras dará consistência em razão de seu semidizer. Resultado, não há consistência a não ser do objeto que, enquanto ele falta, é seu equivalente, mas que, enquanto “mais-de-gozar”, é sua “contraparte” e também sua compensação. É, portanto, o sujeito barrado, a hiância subjetiva, que dá a esse objeto  $a$  seu pronto a portá-lo.

Em resumo, a produção do objeto como falta real gera o sujeito dividido do desejo, que não demanda nada mais do que se oferecer como pronto a portar esse objeto, a portá-lo como *mais-de-gozar* compensatório. A diferença dos sexos não está inscrita nesse nível da estrutura. Dito de outra forma, as mulheres, enquanto sujeitos, são sujeitos divididos como os outros – é isso que justifica, de resto, a exigência social de paridade. Não seria nem justo nem justificado reduzi-la à inveja do pênis, que está longe de ser a última palavra nessas questões, justo a primeira, talvez.

---

<sup>6</sup> *Parent*, no original. Pai ou mãe, os genitores. (N. do T.)

<sup>7</sup> Id., *ibid.*

<sup>8</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 24.

É também isso que Lacan afirma a partir de suas fórmulas da sexuação: que elas não têm menos relação com o Falo, maiúsculo nesse caso, e com o gozo fálico, do que os homens. Que nessa função elas “não estão lá não de todo”<sup>9</sup> e mesmo que lhes é permitido se colocarem do lado do todo fálico.

É bem isso que se indica, me parece, em uma das pequenas mudanças de sociedade que se constata hoje: conhecíamos até então o bando dos homens, conhecemos agora o bando das mulheres, as *MeToo* de todo tipo. Bando é um agrupamento particular no qual cada um é um entre outros, semelhante aos outros. *Me Too* é, portanto, uma fórmula de um bando. Isso nada diz acerca da legitimidade da sua existência, mas é um fato. Bem percebido, por exemplo, por Annie Le Brun que fala de matilhas uivantes e fica indignada que elas pretendam falar em nome de todas as mulheres. A indignação a torna implacável, pois é justamente o signo de uma contradição, as *MeToo* têm como objeto o terreno da sexualidade e do gozo que aí se aloja, onde nós dizemos que a mulher não é toda sujeito, uma reivindicação das mulheres-sujeitos. Ela não é toda sujeito, pois é não-toda no gozo fálico, que é o gozo próprio do sujeito, que eu designo como gozo-sujeito, com um hífen.

É, eu cito Lacan, o gozo “que do sujeito faz função”, subentendido função de sujeito no campo do gozo. É aí que se introduz a função de gozo da fantasia. Essa função é implicada em todos os laços, os do amor, o qual dá um complemento de ser ao sujeito, os dos atos sexuais dos quais o objeto é o veículo. Lacan teria repetido bastante que é pelo objeto *a* da fantasia, um mais-de-gozar envelopado de imaginário em geral, que se tem acesso ao corpo do parceiro. É o que ele nomeia de “a perversão que considero ser d’O homem”<sup>10</sup>. Não se trata da perversão dos sujeitos, mas do fato de que o gozo sexual do corpo do Outro passa pela indução dos objetos *a* da pulsão que eles próprios não são sem o efeito da linguagem.

Até onde o que vale aqui para os homens, vale para as mulheres? Como isso não valeria se, enquanto falantes, elas também são sujeitos? Sujeitadas ao trauma genérico na relação ao pai [*parent*] traumático. Paridade, portanto, quanto ao mal-estar de ser feita sujeito, o que quer dizer submetida à repetição e à não relação, que somente a fantasia tampona. É a isso que já conduziam os passos de Freud em *Inibição, Sintoma e*

---

<sup>9</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 80.

<sup>10</sup> LACAN, Jacques. *Televisão* [1973]. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*, op. cit., p. 508-543. p. 538.

*Angústia*, quando ele tentava conceitualizar as formas específicas da castração nas mulheres e que ele situava na perda do amor e, especificamente, do amor de um homem.

Finalmente, para Lacan, tudo isso, esse ser sujeito das mulheres na relação com um homem, é para ser depositado na gaveta da mascarada, tal como ele a define, a saber, se prestar à fantasia de um homem, se dar “ares de sexo” – que bela expressão! As mulheres aí se destacam. O benefício para elas, quando se prestam a isso – e não é o caso de todas – é o ser falicizado que ganham aí. É tão verdadeiro que, quando ocorre de o perderem nas circunstâncias da vida, elas o experimentam de forma muito dura. Contudo, elas são de tal forma não semelhantes que, como Lacan sublinhou, foram as mulheres, suas histéricas, que colocaram Freud na pista dos objetos parciais das pulsões que comandam o gozo dos corpos. O material clínico, por outro lado, não falta, indicando a indução perversa do gozo feminino pelos objetos pulsionais em certas mulheres, indução frequentemente oral, mas nem sempre, anal para outras, e igualmente masoquista. A menos que, como o visualiza o esquema do *Seminário 20, mais, ainda*, não seja o falo erigido que tenha a função causal de objeto mais-de-gozar.

Existem, portanto, fantasias bem clássicas nas mulheres. É verdade que elas as colocam em surdina, frequentemente, quando se trata das relações heterossexuais, pois, na mascarada, elas deixam a fantasia do homem ter a precedência. Uma forma de oblatividade, de qualquer modo, porém interessada. Não é certo que isso dure, de resto, com a evolução do discurso que indica a ascensão das *Me Too*, que gostariam de fazer reinar o respeito à pessoa no nível disso que Lacan chamava “o deus negro” de Eros, do desejo sexual. Salvo que elas não parecem querer voltar ao carneiro encaracolado do bom pastor (eu tomo emprestado aí um texto dos *Escritos*), o carneiro encaracolado dos patronatos cristãos que Lacan opunha ironicamente ao deus negro, mas preferem lançar a guerra dos sexos. Eu concludo sobre esse ponto: o desejo das mulheres enquanto sujeitos é causado por objetos *a* estritamente homólogos àqueles dos homens. Porém em configurações mais diversas, como Freud o percebeu.

A questão de uma fantasia que seria propriamente feminina só se coloca para o sujeito do gozo enquanto não-todo, o dito gozo outro<sup>11</sup>. Eu vejo duas razões para excluir a sua própria possibilidade. Primeiramente a lógica do não-todo. O não-todo exclui a generalidade, o uma entre outras, cada uma sendo Uma, diferente da outra, irmã, talvez, visto que hoje se fala muito da sororidade, mas, em todo caso, não gêmeas homozigotas.

---

<sup>11</sup> Soler escreve “gozo outro”, em minúscula, para se referir ao que os autores lacanianos chamam de gozo Outro. Segundo ela, para evitar confundir com o gozo do Grande Outro. (N. do T.)

Portanto, a coerência lógica proíbe concluir que há Uma fantasia, veículo desse outro gozo, pois seria preciso dizer que ela existe assim como Uma mulher.

Em seguida, a característica desse gozo, caracterizado muito cedo como “envelopado em sua própria contiguidade”<sup>12</sup>, o que quer dizer que ele ignora o corte significante próprio ao gozo fálico, assim como, aliás, a localização corporal. Se não há corte, não há objeto *a* que o causa e não há significante para dizê-lo: dele não podemos dizer nada, salvo que o experimentamos. Como ele se articularia a uma fantasia, se uma fantasia é essa articulação de  $\$$  com *a*? Daí o meu título: o “pronto para portá-lo” em falha<sup>13</sup>.

Podemos qualificar esse gozo como real. Lacan não deixa de fazer isso, o que implica o fora do sentido. Isso significa também dizer que é a parte não analisável da não-toda, uma vez que o próprio discurso analítico se ordena segundo os dois termos da fantasia, ainda que os invertendo, o  $\$$  do lado do analisante e o semblante de objeto *a* do lado do analista. E, além do mais, se ele escapa à cisalha significante, o Outro, o próprio lugar do saber inconsciente, não sabe nada sobre ele. E se interrogamos, como eu fazia, “O que o ICS sabe das mulheres”, é preciso responder não tudo, somente a sua parte sujeito, que as coloca em pé de igualdade com os homens.

Pelo contrário, esse real, esse impossível de dizer que não se demonstra, que se experimenta, que não diz respeito nem à necessidade da repetição, nem à impossibilidade da relação sexual, mas a um real que habita vocês episodicamente, às vezes como uma palpitação de vida intrusiva ao fundo, uma vez que o sujeito não tem o seu comando, pois bem, ele tem efeitos subjetivos. Eu o disse não analisável, mas esses efeitos sobre os sujeitos se atestam possivelmente na análise. Eu não falo aí do fato de que esse gozo se presta à comédia social tanto quanto a potência viril. Eu falo do fato de que o seu dizer próprio às mulheres-sujeitos porta o traço dessa experiência. E, notadamente, do fato de que esse gozo não é identificante, como o é o gozo fálico. Este nós o representamos como aquele do poder em todos os seus domínios, não somente sexual. Ele se presta à quantificação, no sentido da quantidade, serve a todos os escabelos do narcisismo do sujeito e sustenta o sentimento de identidade do homem mesmo se introduz a castração.

---

<sup>12</sup> LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.734-745. p. 744

<sup>13</sup> Vide nota 3 do tradutor neste texto.

O outro gozo, não quantificável, ainda que reiterável, mas de surpresa, não traz nenhuma garantia, antes abala o sujeito assegurado de sua fantasia de sujeito. De onde, sem dúvida, o traço de desvario que Lacan evocava em uma “verdadeira mulher”. Ora, na análise, a fantasia do sujeito tem uma função para o sujeito da associação livre, o analisante. Este não pode jamais concluir sobre o seu ser, sobre o que ele é, sobre o que ele quer, em termos de significantes por causa do semidizer da verdade que jamais conclui. Se Lacan evoca a garantia da fantasia para o sujeito, é justamente porque é o objeto mais-de-gozar que assegura sua consistência, faz rolha de sua hiância, e podemos dizer que é por meio dela que vem a resposta, aí de onde os significantes se retiram.

É assim que podemos fazer existir um dizer numa análise, apesar do semidizer da verdade articulada. Mas lá onde está o gozo outro, do que se trata? Ele não passa para o dizer, mas o dizer do sujeito, aquele pelo qual ele consiste, quer seja homem ou mulher, é modificado. Das não-todas, por mais decididas que sejam na vida, não obteremos na análise senão uma semiconsistência. Dito de outra forma, a inconsistência do dizer da verdade semidita que está para todo falante se desdobra para a não-toda, pois a consistência da sua fantasia não é senão uma semiparte, sua parte sujeito. Não posso dizer que ela se completa com uma outra consistência, pois com o gozo outro não há questão de consistência, mas de real. De imediato, seu dizer, aquele que se induz de todos os seus ditos, não pode senão se *inconsistir*, se *indemonstrar*, se *indecidir*, segundo os termos que eu tomo emprestados a Lacan. Poderia muito bem acontecer que isso se traduzisse de maneira diferencial na duração das análises dos homens e das mulheres.

Tradução: *Marcus do Rio Teixeira*

Revisão ortográfica e da tradução: *Solange Mendes da Fonsêca*